

de Castro Bidutte, Luciana; Gurgel Azzi, Roberta; Vasconcelos Raposo, José Jacinto B.;
Almeida, Leandro S.

Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas

Psico-USF, vol. 10, núm. 2, diciembre, 2005, pp. 179-184

Universidade São Francisco

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401036064009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas

Luciana de Castro Bidutte¹

Roberta Gurgel Azzi

José Jacinto B. Vasconcelos Raposo

Leandro S. Almeida

Resumo

A agressividade no desporto, a par da novidade, é objeto de alguma controvérsia explicativa em face das várias teorias que analisam este tema. Sendo um tema amplamente divulgado socialmente, é certo que não tem merecido suficiente tratamento por parte da investigação nas ciências sociais e humanas. O presente trabalho teve por objetivo recolher e analisar o comportamento agressivo de jogadores portugueses de futebol. Participaram no estudo 125 jogadores do escalão sénior, que pertenciam a 1ª Liga do Campeonato de Portugal em 2000-2001 e 88 jogadores do escalão júnior das duas subdivisões (17 e 18 anos). Os jogadores do escalão sénior situavam-se na faixa etária entre 20 e 35 anos, enquanto os futebolistas do escalão júnior variavam entre 17 e 19 anos. Este estudo envolveu a aplicação do *Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI)*. Os resultados sugerem que os jogadores pertencentes ao escalão sénior apresentam índices superiores de agressividade reativa ou hostil, havendo uma avaliação estatisticamente representativa entre o número e o tipo de cartões (amarelos e vermelhos) recebidos pelo atleta e as suas auto-avaliações em termos de agressividade.

Palavras-Chave: Agressão; Agressão no desporto; Agressão no futebol; Avaliação da agressão.

Aggressiveness in soccer players: Study with athletes from portuguese teams

Abstract

Aggressiveness in sports, besides being something new, is object of controversy in relation to a variety of theories on this subject. As a worldwide socially spread subject, it certainly has not been investigated by social and human sciences the way it should be. The objective of this dissertation was the collection and analysis of soccer players' behavior. This study analyzed 125 senior players, belonging to the Principal League of Portugal in 2000-2001 and 88 junior players belonging to the two subdivisions (17 and 18 years old). The age of the senior players ranged from 20 to 35 years old, whereas the age of junior players ranged from 17 to 19 years olds. This study involved the application of *Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI)*. The findings suggest that the senior players present higher rates of reactive or hostile aggressiveness, demonstrating a statistically significant assessment between the number and the kind of cards (yellow and red) received by the athlete, as well as their self-assessments in terms of aggressiveness.

Keywords: Aggressiveness; Aggressiveness in sports; Aggressiveness in soccer game; Aggressiveness assessment.

Introdução

É importante ressaltar a necessidade de investigações que envolvam a agressividade no esporte com a finalidade de analisar as dimensões e as suas condições de ocorrência. Com efeito,

o comportamento agressivo no esporte é pouco compreendido; portanto, a realização de investigações qualitativas nas percepções da agressividade entre indivíduos de diferentes idades e níveis competitivos é indispensável se quisermos compreender esse fenômeno complexo. (Stephens, 1998, p. 289)

Por outro lado, a existência de diferentes teorias

e conceitos sobre o assunto (Matthews & Norris, 2002; Silva & Stevens, 2002) complica a investigação na área, por exemplo, confundindo-se com comportamento assertivo.

Neste texto será adotada a visão de Bredemeier (1983). Em sua opinião, o comportamento agressivo no esporte é

o início intencional do comportamento violento e prejudicial. "Violento" significa qualquer ofensa física, verbal ou não verbal, enquanto "comportamento para causar dano", quer dizer, qualquer intenção ou ação prejudicial. (Bredemeier, 1983, p. 43)

A autora acrescenta, ainda, que uma falta

¹ Endereço para correspondência:

Alameda Jundiaí, 620 – Jardim do Lago – 12947-260 – Atibaia-SP

Tel./Fax: 11 4413-2468

E-mail: bidutte@megamail.com ou betazzi@uol.com.br

accidental ou lesão a outro atleta provocada pela falta de habilidade não será considerada agressão; uma falta intencional, ainda que não resulte em prejuízo ou lesão, é considerada uma agressão no esporte. Por sua vez, Gabler (1987, citado por Samulski, 2002) divide a agressão entre hostil ou reativa e instrumental. Enquanto a agressividade hostil ou reativa tem a intenção explícita de prejudicar ou lesar o adversário, a agressão instrumental traduz um comportamento que, muito embora possa envolver o dano ao adversário, teve como intuito alcançar as suas próprias metas (resultado positivo) ou impedir que outra pessoa alcance as suas metas (por exemplo, impedir um chute ao gol). Conforme complementa Geen (1998), a agressão instrumental, mesmo podendo envolver forte emocionalidade, é basicamente motivada por outros objetivos do próprio jogo que não o de prejudicar o outro. Se quisermos, enquanto a agressão instrumental no esporte se pode assumir como “benéfica” para o atleta e para a equipe, a agressão hostil ou reativa não é saudável e pode ser prejudicial em todos os aspectos do esporte. Finaliza Bredemeier (2000) que a agressão instrumental pode ser necessária à competição.

A análise da agressão no esporte, nas suas formas e interpretações, carece de enquadramento sociocultural e, sobretudo, de uma atenção à própria modalidade esportiva em estudo. A definição de um comportamento como agressão hostil ou reativa e instrumental depende do tipo de modalidade, das suas regras, da posição dos jogadores na equipe (ataque ou defesa) e da interpretação do observador. Segundo Samulski (2002), “(...) a maioria dos comportamentos agressivos no esporte e atividades físicas parece não ser inherentemente desejável ou indesejável, mas sim depender de uma interpretação” (p. 197). Kirker, Tenembaum e Mattson (2000), investigando que tipos de comportamentos conduzem ao ato agressivo em determinadas modalidades e quais as circunstâncias em que os jogadores apresentam maior probabilidade de aceitar e concordar com comportamentos agressivos, verificaram que, quanto à intensidade e à freqüência, a maioria dos atos agressivos é de natureza física, sendo a agressão instrumental mais freqüente que a agressão hostil. Por sua vez, Ryan, Williams e Wimer (1990) concluíram que conferir legitimidade a atos agressivos é mais freqüente em jogadores de basquete do primeiro ano do que em jogadores experientes, contudo os seus resultados revelaram índices mais baixos de agressão nos atletas iniciantes que nos atletas mais experientes.

O estudo realizado por Starepravo e Mezzadri (2003) com o objetivo de analisar os aspectos da violência física, simbólica, a utilização de drogas e suas relações com a prática esportiva realizado com crianças de 10 a 14 anos praticantes de atividade esportiva indicou que as crianças e os adolescentes mantêm um certo controle das

emoções e das expressões de violência física e simbólica fora da situação de jogo. No entanto, os dados apresentaram que durante a prática esportiva é comum que elas se envolvam em situações de violência e até mesmo em agressões físicas.

A agressividade no esporte, e em particular no futebol, está associada a vários fatores. Samulski (2002) inclui, em tais fatores, a situação de visitado ou visitante, o grau de importância do próprio jogo, o nível de rendimento dos jogadores, a posição e a tarefa tática do jogador, o comportamento dos treinadores e dirigentes, e as regras da modalidade. Outro estudo revelou que a participação atlética dos jogadores de futebol e não atletas e o traço de ansiedade exercem um efeito significativo sobre a agressividade dos mesmos fora do esporte (Dogan, 2004). O papel do treinador tem sido mais sistematicamente estudado (Widmeyer, Steven, Dorsch, & Mc Guire, 2002; Kerr, 1999; Weinberg & Gould, 1995; Widmeyer, 1984). Muitos treinadores, na lógica dos melhores resultados, ordenam aos jogadores para que segurem a camiseta do adversário durante o jogo ou executem movimentos agressivos como “entrar de carrinho” na disputa pela bola.

Leitão e Tubino (2002) explicam que algumas condutas técnicas e táticas agressivas no futebol como, por exemplo, os carrinhos, são aceitos pela modalidade.

O carrinho no futebol, pode levar à violência dentro do campo, numa dimensão onde os segmentos envolvidos deveriam conscientizar-se das mudanças emergentes, do aprimoramento profissional das entidades envolvidas, que estariam relacionados ao embelezamento do jogo. (p. 1)

Para explicar esses fenômenos nos apropriamos da Teoria Cognitiva Social de Albert Bandura, partindo da idéia de que o comportamento humano decorre da interação entre o indivíduo e o meio ambiente. É uma perspectiva interacionista, na qual participam as variáveis sociais e pessoais, ou seja, os indivíduos operam tomando em consideração os comportamentos dos outros e as cognições que elaboram sobre os contextos. Mecanismos de auto-regulação podem, então, explicar o controle comportamental e a própria agressividade. As funções auto-reguladoras derivam da modelação e da instrução direta (Bandura, 1977).

Os padrões morais são gradualmente internalizados, podendo levar ou não ao impedimento de comportamentos agressivos, consoante a aprovação ou reprovação percepcionada nos outros, em particular os “outros” significativos modelos como: *status* ou grande valor social (Bandura, 1991).

No esporte, a agressividade de um atleta pode ser relacionada e mais facilmente aceita quando a mesma assume uma função utilitária ao grupo. Algum desengajamento moral por parte dos atletas decorre da

difusão pelo grupo da responsabilidade das suas ações (Bandura, 2002). As ações coletivas favorecem o comportamento agressivo e, como resultado, enfraquecem o controle moral. As pessoas agem mais cruelmente sob a responsabilidade de um grupo do que quando assumem a responsabilidade só para si mesmas (Bandura e cols., 1975; Zimbardo, 1995). Nesse ponto, podemos pensar que os atletas de modalidades coletivas podem ter uma tendência para um maior número de comportamentos agressivos do que os praticantes de modalidades individuais. Vendo pela perspectiva de que a interação com os fatores ambientais atuam na desativação (ou ativação) dos controles internos a modalidade coletiva e o ambiente podem ser condições facilitadoras da manifestação do comportamento agressivo. É claro que não podemos deixar de citar que as regras de cada modalidade interferem nesse contexto. Na realidade, “o desenvolvimento moral pró-social é visto como produto da interação entre forças sociais e capacidades cognitivas dos indivíduos” (Koller & Bernardes, 1997, p. 227). É importante que as regras de cada modalidade e o próprio social forneçam o comportamento de envolvimento moral, renunciando a atos cruéis e agressivos.

Com o presente estudo pretendemos recolher e analisar dados sobre o comportamento agressivo dos jogadores da modalidade futebol dos escalões sênior e júnior de Portugal. Em relação a objetivos mais específicos, podemos afirmar que ao realizar a presente investigação pretendíamos comparar índices de agressividade nos escalões juniores e seniores, e avançar com outros cruzamentos de variáveis a propósito das características destes atletas, nomeadamente o número e tipo de cartões recebidos ao longo da temporada futebolística.

Método

Sujeitos

Foram selecionados, para este estudo, sete clubes das 18 equipes de futebol do escalão sênior. Os clubes dos jogadores seniores participavam na 1^a Divisão do Campeonato de Portugal realizado no período 2000-2001, ou seja, equipes pertencentes à 1^a Liga. A amostra inclui ainda um clube que pertencia à 2^a Liga, para além de cinco equipes do escalão júnior das duas subdivisões (17 e 18) de aproximadamente 35 equipes. Do escalão júnior participaram 88 jogadores (41%) e do escalão sênior 125 jogadores (59%). Todos estes atletas são do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 17 e 35 anos ($M=22,8$ anos; $DP=5,1$ anos) havendo maior concentração nos 17 e 18 anos, e na faixa etária entre os 23 e 28 anos. Os jogadores do escalão júnior são

significativamente ($t[211]=23,3$; $p<0,001$) mais novos ($M=17,7$ anos) que os do escalão sênior ($M=26,4$ anos), como seria de esperar.

Instrumentos

A todos os jogadores deste estudo foi aplicada uma versão traduzida e adaptada do *Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI)*. Este instrumento foi desenvolvido por Bredemeier (1975), com o objetivo de avaliar a agressão hostil ou reativa, a agressão instrumental e a agressão atlética geral no contexto esportivo. A escala é composta por 30 itens (14 itens para a escala hostil ou reativa, 14 itens para a escala instrumental e 2 itens para a escala agressão atlética), com quatro alternativas de resposta, do tipo Likert, pontuadas de um a quatro (1= concordo totalmente, até 4= discordo totalmente). Aquando da administração do BAAGI foi também aplicado um questionário informativo, constituído por questões abertas e semi-abertas referentes ao atleta. Tais questões referiam-se a idade, clube, grau de escolaridade, posição no campo, escalão e categoria a que o jogador pertencia, anos de prática e número de cartões recebidos.

Procedimentos

Após a autorização da autora, o instrumento *Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI)* foi traduzido do inglês para o português. Em seguida, procedeu-se à análise da compreensão dos itens pelo método da “reflexão falada”. Adequando a linguagem usada nos itens, procedeu-se à aplicação do questionário. Esta aplicação ocorreu na saída dos treinos em contexto de grupo, pela primeira investigadora ou por estagiários de Psicologia do Esporte. Os instrumentos foram distribuídos a cada futebolista com uma pequena introdução, explicando os objetivos do estudo e sigilo das respostas, além da disponibilidade do aplicador para o esclarecimento de eventuais dúvidas.

Resultados

A Tabela 1 apresenta os coeficientes de correlação entre os resultados nas três subescalas assumidas pela autora da BAAGI. Conforme está patente nos resultados, a agressão instrumental correlaciona-se negativamente com a agressão reativa ou hostil, assim como com a agressão atlética. Por sua vez, quanto maior o nível de agressão reativa ou hostil maior o nível de agressão atlética em face da correlação positiva verificada entre estas duas dimensões. Este conjunto de resultados justifica considerarmos neste trabalho as dimensões da BAAGI como avaliando aspectos complementares da agressão.

Tabela 1 – Correlações entre as três escalas do BAAGI

Variáveis	Nível de agressão		
	Instrumental	Reativa	Atlética
Agressão instrumental	1,000	-0,359***	-0,270**
Agressão reativa		1,000	0,428***
Agressão atlética			1,000

*** $p < 0,001$

Um dos objetivos particulares deste estudo prendeu-se com a análise de uma eventual associação entre os níveis de agressão dos atletas e os cartões recebidos ao longo da temporada. Sendo de acautelar que nem sempre os jogadores se lembravam do tipo e

da quantidade exata de cartões recebidos por época, na Tabela 2 descrevemos a freqüência e percentagem de atletas para as várias classes formadas tomando o tipo e o número de cartões recebidos.

Tabela 2 – Jogadores por escalão de acordo com o número de cartões recebidos por temporada

Cartões	Escalão	Número de cartões	n	%
Amarelos	Júnior	De 0 a 4	56	66,7
		De 5 a 9	2	29,7
		De 10 a 14	1	1,2
		De 15 a 18	2	2,4
	Sênior	De 0 a 4	60	48,0
		De 5 a 9	47	37,6
		De 10 a 14	17	13,6
		De 15 a 20	1	0,8
Vermelhos	Júnior	0	54	64,3
		1	22	26,2
		2	5	5,9
		3	3	3,6
		4	-	-
	Sênior	0	95	76,0
		1	21	16,8
		2	8	6,4
		3	-	-
		4	1	0,8
Amarelos e vermelhos	Júnior	De 0 a 4	49	57,7
		De 5 a 9	31	36,5
		De 10 a 14	3	3,5
		De 15 a 20	2	2,3
	Sênior	De 0 a 4	54	43,2
		De 5 a 9	48	38,4
		De 10 a 14	21	16,8
		De 15 a 20	2	1,6

Os resultados assinalam que os atletas juniores obtiveram maior freqüência na categoria de zero a quatro cartões (57,7%), subdividida na mesma categoria para os cartões amarelos (66,7%) e nenhum cartão vermelho (64,3%). Para o escalão sênior, a análise indicou que o número de cartões recebidos por temporada também obteve a freqüência mais alta para a mesma categoria (43,2%), subdividida para a categoria de zero a

quatro cartões amarelos (48,0%) recebidos por temporada e nenhum cartão vermelho (76,0%).

Procedendo a uma análise da variância dos resultados nas medidas de agressão, tomando os atletas repartidos por subgrupos em função do número de cartões recebidos, verifica-se que a agressividade reativa ou hostil dos jogadores se associou de forma estatisticamente significativa ao número de cartões vermelhos

($F[2,209]=4,21; p=0,016$), ocorrendo o mesmo quanto a agressividade atlética por referência ao número de cartões amarelos ($F[2,209]=3,452; p=0,034$). Assim, confirmamos a hipótese de que o número de cartões vermelhos recebidos pelos atletas se associa com seus índices de agressividade (auto-avaliação). Os valores obtidos salientam, ainda, associações diferentes consoante o tipo de cartões. Sem efeito, os cartões associaram-se à agressividade reativa ou hostil dos jogadores, enquanto o número de cartões amarelos se associa à agressividade atlética dos jogadores.

Discussão e conclusão

A agressividade no esporte torna-se um problema social, podendo refletir tensões sociais mais amplas e a agressividade existente na própria sociedade. A agressividade na prática esportiva reflete fatores sociológicos, fatores de personalidade e de formação do atleta, fatores associados ao treino e à competição (treinador, claque, contexto desportivo) e fatores sociais mais amplos, por exemplo, a forma como o tema aparece tratado na comunicação social.

Os resultados do estudo indicaram que em média os jogadores de futebol possuíam pouca agressão hostil ou reativa, mas apresentaram agressões instrumentais e atléticas mais acentuadas. Os jogadores pertencentes ao escalão sénior foram mais agressivos no nível de agressividade reativa ou hostil, ou seja, aquela que tem a intenção explícita de prejudicar ou lesar o adversário, do que os jogadores pertencentes ao escalão júnior, o que está em concordância com os resultados de outros autores (Ryan e cols., 1990; Kirker, Tenenbaum & Mattson, 2000). Este resultado era esperado até porque sabemos a diferença de impacto social dos resultados desportivos e do futebol, em particular, entre os dois escalões em Portugal.

Este estudo revelou, ainda, uma associação estatisticamente significativa entre a quantidade e o tipo de "cartões" recebidos e a agressividade esportiva do jogador.

Não defendendo a agressividade no desporto, enquanto responsáveis desportivos e o sistema social no seu todo colaborem na criação de um ambiente de prática desportiva mais favorável a comportamentos voltados para o engajamento moral de todos os intervenientes. Os psicólogos do esporte podem, aliás, intervir na formação dos treinadores, ajudando-os a substituir os comportamentos agressivos dos seus jogadores por alternativas mais aceitáveis socialmente e igualmente eficazes para o rendimento da equipe. Pelo impacto que o desporto, e em particular o futebol, tem em muitos países pode-se tornar a prática desportiva num contexto de ensaios e generalizações de atitudes e comportamentos sociais pautados pela aceitação recíproca e tolerância.

Referências

- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1991). Social cognitive theory of moral thought and action. Em W. N. Kurtines & J. L. Gewirtz (Eds.). *Handbook of moral behavior and development* (pp. 45-113). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bandura, A. (2002). Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Moral Education*, 31(2), 101-119.
- Bandura, A., Underwood, B. & Fromson, M. E. (1975). Disinhibition of aggressive through diffusion of responsibility and dehumanization of victims. *Journal of Research in Personality*, 9, 253-269.
- Bredemeier, B. J. (1975). The assessment of reactive and instrumental athletic aggression. Em D. M. Landers (Ed.). *Psychology of sport and motor behaviour-II* (pp. 71-83). State College, PA: Penn State HPER Serie.
- Bredemeier, B. J. (1983). Athletic aggression: A moral concern. Em J. Goldstein (Ed.). *Sports Violence* (pp. 42-81). New York: Springer-Verlag.
- Bredemeier, B. (2000). The positive effects of instrumental aggression. [citado em 15 de maio de 2003]. Disponível na World Wide Web: <<http://chat.carleton.ca/~jlandgo2/aggression.html>>.
- Dogan, B. (2004). The effects of an individual's athletic participation and trait anxiety on aggressive behaviours outside sport. *Sport Psychologist*, 15, 578.
- Geen, R.G. (1998). Processes and personal variables in affective aggression. Em R. G. Geen & E. Donnerstein (Eds.). *Human Aggression* (pp. 1-21). San Diego, CA: Academic Press.
- Kerr, J. H. (1999). The role of aggression and violence in sport: A rejoinder to the ISSP position stand. *Sport Psychologist*, 13, 83-88.
- Kirker, B., Tenenbaum, G. & Mattson, J. (2000). An investigation of the dynamics of aggression: Direct observations in ice hockey and basketball. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 71(4), 373-386.
- Koller, S. H. & Bernardes, M. G. (1997). Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. *Estudos de Psicologia*, 2(2), 223-262.
- Leitão, L. A. & Tubino, M. J. G. (2002). A moral e a ética do carrinho no futebol. [citado em 25 de setembro de 2003]. Disponível na World Wide Web: <<http://www.efdeportes.com>>.

- Matthews, B. A. & Norris, F. H. (2002). When is believing “seeing”? Hostile attribution bias as a function of self-reported aggression. *Journal of Applied Social Psychology, 32*, 1-32.
- Ryan, M. K., Williams, J. M., & Wimer, B. (1990). Athletic aggression: Perceived legitimacy and behavioral intentions in girl’s high school basketball. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 12*, 48-55.
- Samulski, D. (2002). *Psicologia do esporte*. São Paulo: Manole.
- Silva III, J. M. & Stevens, D. E. (2002). *Psychological foundations of sport*. Boston: Allyn & Bacon.
- Starepravo, F. A. & Mezzadri, F. M. (2003). Esporte, relações sociais e violências. *Motriz, 9*(1), 49-52.
- Stephens, D. E. (1998). Aggression. Em J. L. Duda (Ed.). *Advanced in sport and exercise psychology measurement* (pp. 277-292). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Weinberg, R. S. & Gould, D. (1995). *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaign: Human Kinetics.
- Widmeyer, W. N. (1984). Aggression-performance relationship in sport. Em J. M. Silva & R. S. Weinberg (Eds.). *Psychological foundations of sport* (pp. 274-286). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Widmeyer, W. N., Steven, R. B., Dorsch, K. D. & Mc Guire, E. J. (2002). Em J. M. Silva & D. E. Stevens (Eds.). *Psychological foundations of sport* (pp. 352-279). Boston: Allyn & Bacon.
- Zimbardo, P. G. (1995). The psychology of evil: A situationist perspective on recruiting good people to engage in anti-social acts. *Research in Social Psychology, 11*, 125-133.

Recebido em setembro de 2004
Reformulado em agosto de 2005
Aprovado em outubro de 2005

Sobre os autores:

Luciana de Castro Bidutte é psicóloga, mestre em Psicologia do Esporte pela Universidade do Minho (Portugal) e professora no ensino superior nas Faculdades Integradas de Amparo – FIA.

Roberta Gurgel Azzi é psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo e doutora pela Faculdade de Educação da Unicamp. É professora da Faculdade de Educação da Unicamp e membro do grupo de pesquisa Psicologia e Educação Superior naquela instituição. Atua em cursos de graduação e pós-graduação.

José Jacinto Vasconcelos Raposo é psicólogo e antropólogo, mestre em Psicologia pela Universidade de Boston (EUA) e doutor em Ciências do Esporte na especialidade de Psicologia do Esporte, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). É professor catedrático na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, atuando na formação graduada e pós-graduada na área da saúde, educacional e na psicologia do esporte.

Leandro S. Almeida é psicólogo, mestre e doutor em Psicologia da Educação pela Universidade do Porto. É professor catedrático do Departamento de Psicologia da Universidade do Minho, atuando na formação graduada e pós-graduada de psicólogos e professores.